

# José Cardoso Pires, um Diabo no Purgatório

«Alexandra Alpha», romance de mil enredos e peregrinação à galáxia publicitária da década de 60, é também a tragicomédia de uma esquerda e da sua direita, em Portugal, nos últimos 25 anos.

José Cardoso Pires tornou-se no mais importante monumento vivo da ficção de esquerda em Portugal. Cumprindo o sonho premonitório de Pomar, que o fixou em tela ainda jovem, ele é-o — *ou volta a sê-lo* — livro após livro, desde «O Anjo Ancora-do» de 1958. Sabem-no os portugueses que desde há trinta anos digerem o seu trabalho lento e regular (mas o seu primeiro livro data de 1949!) e os editores estrangeiros que o descobriram com «O Hóspede de Job», de 1963, e o redescobriram com «Balada da Praia dos Cães», de 1982.

Monumento vivo da ficção de esquerda: a seu modo, Cardoso Pires é um jacobino e conhece a radicalidade de Saint-Just, mesmo se é um seu praticante irregular. Por outro lado, nascido no neo-realismo, vê o campo com a *méconnaissance* dos animais urbanos, atribuindo-lhe a função de lugar onde imperam, residualmente, as ideias mais retrógradas sobre a sociedade e o futuro. Por outro ainda, ao falar do Portugal conservador, imagina-o composto de personagens caricaturais, que se vão, até, tornando caricaturas de caricaturas. Finalmente, um pouco como na geração de 70, o País é para ele uma «choldra», habitada por bêbados, burros, incapazes e desgraçados de toda a espécie.

## Não terás pai

De novo em «Alexandra Alpha», seu último romance, está em questão a relação insaciavelmente conflitual que mantém com a realidade portuguesa.

Dir-se-á que Cardoso Pires tende para uma visão dicotómica do País. Mas quem, neste livro, se opõe aos seus

eternos maus génios retrógrados e semi-rurais é um bando de «manos» citadinos, perdidos nos seus bares dos anos 60 e cercados pelos seus fantasmas e delírios sem futuro. E pouco importa, para esta leitura, que o personagem Bernardo Bernardes seja o retrato fiel de um conhecido intelectual dos nossos dias, que o arquitecto Nuno seja luminosamente alusivo a outro personagem real, que a ex-freira Sophia e a «mana» Maria sejam modelos de itinerários femininos característicos da esquerda portuguesa dos últimos 25 anos. O que vale a pena sublinhar é que, no universo céptico de Cardoso Pires, não há «heróis positivos» que valham ao leitor deles carecido — e também por isso ele é o maior monumento vivo da ficção de esquerda, hoje, em Portugal.

## Amarás os teus monstros

Mas Cardoso Pires é um enorme construtor de enredos profusamente intrigados: se falha o País restam os personagens e seus comportamentos. E se os seus personagens são, quase todos, monstros, não se poderá acusá-lo de misogénia: a seu modo, ele ama os seus monstros, pelo menos na medida em que eles assumam a sua função histriónica, já que são cegos perante a dimensão dos seus dramas.

Os «manos» citadinos de Alexandra Alpha, e ela própria, são identidades clivadas, duplas. Para além do conflito genérico com o País, estão em conflito consigo próprios:

Alexandra, independente e predadora, deseja assumir uma maternidade fantasmática adoptando Beto, filho de um antigo amante brasileiro e

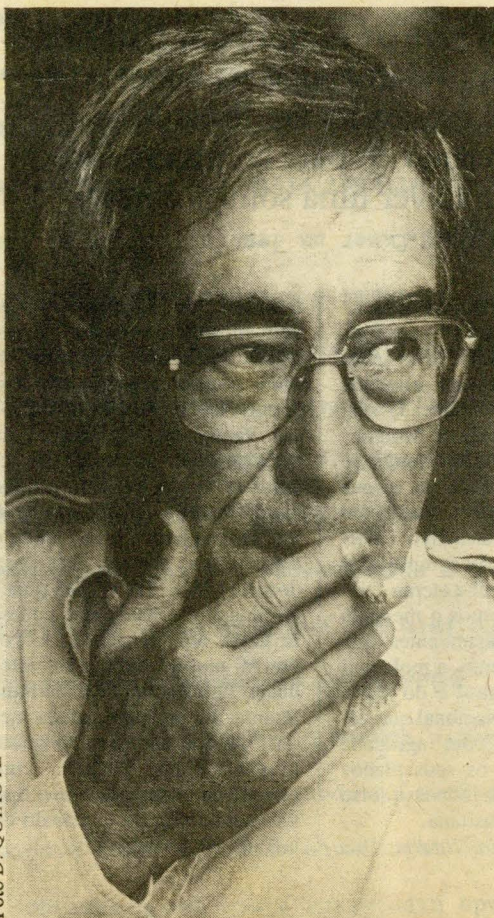


Foto D. QUIXOTE

José Cardoso Pires 1987 – dois rostos de um autor

de outra mulher.

Maria, que inventa e delira o seu próprio personagem, preenche de militância a sua frustração.

Sophia, ex-freira, imagina-se ciclicamente grávida enquanto se multiplica, convulsiva, em animações culturais.

Désanti, cineasta francês que fez de Lisboa uma «cidade branca», é afinal um ladrão, que desaparece com as máquinas fotográficas de Diogo.

Bernardo e Amadeu Gruyère, mais o seu ideolecto e as suas revistas e citações, saltam, mal podem, para postos de poder.

E para que a deriva seja mais irrealizante, mais frustrada, nem falta uma imaginária visita de Barthes a Lisboa, e o seu comentário pelos «manos»...

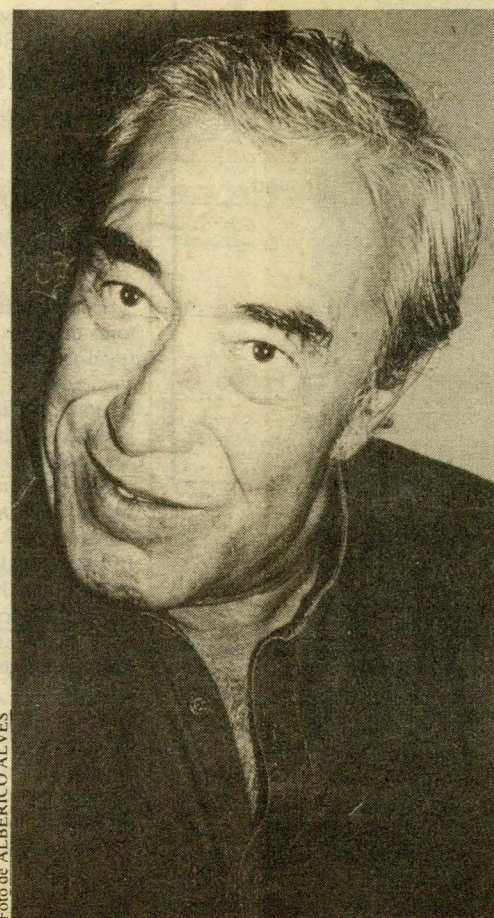


Foto de ALBÉRICO ALVES

Estação infernal, os anos 60 desses «manos» no seu bar *Crocódilo*. Tanto mais que Cardoso Pires não é um exorcista: ele não renova a fantasmática, *revive-a* mesmo quando (como quase sempre) dela ri. Escrevendo o seu *Crocódilo*, ele é o demónio de visita ao purgatório, o intruso vindo do futuro e que recacende brasas. Goyesco como em García Marquez e em algum Calvino, mas sem sublime. Deliberadamente.

## Não voarás

Atravessando todo o livro como a alegoria de uma impossibilidade, a referência ao voo, ao acto de *eivar-se*: no apartamento de Alexandra, o desenho de um homem pássaro que segura uma mulher pelos cabelos (*The Birdman*, Max Ernst); algures, a *Passa-*

*rola* de Gusmão; um dos personagens, o ex-padre Miguel, capelão da Força Aérea, foi *proibido* de voar; Waldir, o amante brasileiro de Alexandra, foi abatido quando planava em asa-delta sobre a Ponta do Arpoador... e ela própria morrerá no ar, com Maria e Miguel, explodindo pouco depois de uma descolagem.

Inscrevendo-se na narrativa deste modo violento, destruidor, o voo irrealizado torna redundante um interdito que parece aprisionar todos os personagens: «Não voarás, não haverá transcendência no teu devir.»

Seria, no entanto, excessivo conduzir por este atalho a leitura do livro: «Alexandra Alpha» contém sem dúvida algo desse caminho que os leñhadores abrem na floresta e

que, como escreveu Heidegger, não conduzem a parte nenhuma — *mas são caminhos*. Se ironizarmos sobre esta situação, diremos antes que se trata de personagens impecavelmente vestidos para sair... mas que não sabem para onde ir. Será também por mais esta razão que Cardoso Pires é um monumento — e um algoz — da esquerda?

## Só farás crónica

Tem-se dito sobre «Alexandra Alpha» que é a primeira ficção de Cardoso Pires que passa pelo 25 de Abril. De facto, 338 páginas depois de lançado o romance, surge-nos uma *crónica* do «dia mágico», e depois disso uma nova caricatura, Spínola, vem juntar-se aos personagens caricaturais que protagonizam, no livro, o Portugal conservador. Contando o 25 de Abril como um cronista, Cardoso Pires adopta então deliberadamente uma linguagem saturada de «clichés», transubstanciando para ficção todo um vocabulário ideolecto que nasceu em euforia e morreu de desilusão. Ainda aqui, ele não exorciza, nem as situações narradas nem a língua em que foram vividas. O efeito, como no *Crocódilo* dos anos 60, é o de uma reactualização, o de uma devolução do passado à nossa presença.

Na multidão de enredos — por vezes maravilhosos achados narrativos — de «Alexandra Alpha», há porventura um ponto de fuga ao gigantesco movimento circular: Beto, o filho adoptivo, perde-se nas brumas de Edimburgo, para onde foi mandado estudar. Personagem evanescente, que andarà fazendo no seu conto que ficou por concluir, ele que, pelo menos, não está condenado a ser mais um Ícaro, nem ao eterno retorno às mesas do Bar Maldito?

João-Maria Mendes

«Alexandra Alpha», José Cardoso Pires, Publicações Dom Quixote, 1200\$00